

CAPÍTULO IV

A participação através de atividades de leitura

A análise realizada no capítulo anterior buscou demonstrar como a construção da participação e da fala aconteceu nos dois primeiros dias de aula e que ações da professora contribuíram para essa construção. Para isso, foram utilizados recortes/segmentos de fala que pudessem contribuir para uma análise situada do objeto.

O objetivo desse capítulo será identificar e analisar como a professora atua no sentido de promover o espaço de participação e de fala dos alunos em atividades de leitura. Serão apresentados três momentos de leituras, ocorridos em três dias diferentes: 19 de maio, 31 de maio e 02 de junho do ano de 2000.

4.1. Situações de participação no decorrer do semestre

De acordo com os dados coletados, particularmente as observações e notas de campo, foi possível identificar um traço característico da prática da professora ao longo do semestre: o freqüente trabalho com histórias infantis seja através de leituras ou de contação. Os eventos de leitura se realizavam dentro da sala de aula e também na biblioteca, havendo na organização da rotina diária constantemente um tempo reservado para o seu desenvolvimento. Esses eventos se referem à contação de histórias, leitura de livros para os alunos, leitura de livros pelos alunos, leituras de parlendas, trava-línguas, entre outros. No espaço da biblioteca, os alunos escolhiam livremente os livros que gostariam de ler, trocavam com os colegas, comentavam entre si as histórias e levavam para casa os livros de maior interesse. Também escolhiam livros na estante da sala de aula, trocavam com os colegas, levavam textos para casa, liam e recitavam para a turma. As atividades propostas pela professora objetivavam buscar promover a participação dos alunos por meio de discussões sobre as histórias lidas ou contadas.

Ao tomarmos as atividades de leituras como exemplo da construção de um espaço de fala e participação, identificamos que, nesses momentos, os alunos se posicionavam mais ativa e atentamente. Mesmo tendo a professora que chamar a atenção deles por várias vezes, em razão das dispersões e das conversas paralelas, as crianças costumavam estar mais participativas quando da realização dessas atividades. Ao propor um trabalho que buscava promover uma interação discursiva entre os participantes por meio de atividades de leitura, observamos que a professora objetivava

uma interlocução capaz de conduzir os alunos à compreensão do funcionamento do espaço de sala de aula. Sendo assim, mesmo que as regras não fossem compreendidas pelos alunos, havia por parte da docente a persistência em fazer com que eles se envolvessem na dinâmica da aula e uma busca incessante da compreensão e da construção do significado, tanto em relação à leitura quanto em relação à participação dos alunos nos eventos de sala de aula.

Nesse sentido, procuramos a seguir demonstrar, através de segmentos de fala relativos ao desenvolvimento de três atividades de leitura em sala de aula, ações e reações da professora e da turma na busca pela construção da participação e da fala. Esclarecemos que não é objetivo realizar um estudo sobre o processo de leitura. Esse processo torna-se apenas um instrumento para a compreensão da referida construção.

4.2. A participação através de atividades de leitura – primeiro momento

A atividade selecionada no dia 19-05-2000 compõe o conjunto de atividades características da rotina desenvolvida pela professora e alunos. Trata-se de uma atividade que objetiva fazer com que os alunos (re)contem uma história com base na leitura prévia do texto, “A menina dos brincos de ouro”, realizada em casa. Inicialmente, a professora procura saber se todos leram a história, se contaram para os pais, ou mesmo, se leram juntos com os pais. Após realizar a sondagem do que foi feito em casa, a professora inicia a atividade buscando construir um conceito sobre o que seja contar história. No decorrer da aula, a docente dialoga com os alunos sobre a diferença entre *ler* e *contar* história. Diz aos alunos que naquele momento eles irão *contar* a história, e que para isso não precisam ser fiéis ao texto, podendo, inventarem, ou mesmo extrapolar o enredo.

Para realizar a atividade foi preciso, então, definir formas de participação. Nesse caso, a professora iniciou com os alunos a construção de regras para o desenvolvimento da atividade de contar história. Para isso, apresenta duas propostas a serem examinadas pelos alunos para a realização da contação de história. O segmento de fala a seguir, apresenta os momentos iniciais do desenvolvimento dessa atividade.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
1		P. tem duas idéias	
2		ou melhor	Os alunos
3		tem duas idéias	conversam entre eles
4		ou a gente	ao mesmo tempo
5		escolhe o colega	que a professora
6		ou uma colega	explica a atividade
7		e quer contar	
8		essa história sozinha	
9		ou duas coisas	
10	Al. incompreensível		Falam vários alunos
11		P. espera aí	juntos
12		ou a gente	
13		tenta contar	
14		cada hora um	
15		cada hora assim	
16		quem tiver...	
17	Als. escolhe um colega		
18	e uma colega		
19		P. espera aí	As crianças falam ao
20		cada colega	mesmo tempo
21		quem está ouvindo?	e a professora
22		o outro exercício é	procura organizar as
23		um colega de vocês	falas
24		começa	
25		o outro continua	
26		o outro continua	
27		mas tentando amarrar	
28		sem repetir a idéia	
29		tá?	
30		então	
31		vamos ver aqui	
32	Als. incompreensível		Alunos falam ao
33	com o colega		mesmo tempo
34	pode o colega		
35	com o colega		

Ao buscar definir como a atividade seria realizada a professora apresentou duas propostas para os alunos. A primeira implicando na escolha de um colega para contar a história, e a segunda em uma contação coletiva em que cada aluno daria seqüência à história conforme ela vinha sendo contada pelo colega. Ao apresentar essas duas alternativas como duas idéias (MU 01), a professora abre espaço para que seus alunos manifestem sua opinião e contribuam para a definição de como a atividade deveria ser realizada. Dessa forma, privilegia a construção de um espaço em que as regras são coletivamente discutidas e elaboradas. Identificamos que ao iniciar a proposta alguns alunos se manifestaram fazendo suas escolhas e se posicionando face à situação de enunciação, como podemos ver em: “escolhe um colega e uma colega” (MU 17-18). Segundo Spink e Medrado (2000) o enunciado é o ponto de partida para a compreensão

da dialogia, sendo o sentido construído na interação entre as pessoas. Nesse caso, identificamos que as práticas discursivas cumprem a função de orientar a produção de sentido, permitindo aos alunos significarem o contexto. Conforme os autores, as práticas discursivas constituem atos de falas que orientam o uso da linguagem para a ação. Observamos, no entanto, que as ações se realizam a partir das interações e das significações produzidas no contexto da sala de aula pelos participantes.

Outro aspecto que podemos identificar refere-se à constituição de um espaço participativo que requer a manifestação dos seus participantes. Nesse caso, como as regras estavam em processo de elaboração, percebemos que os alunos conversavam muito entre eles, causando um certo tumulto (coluna 4 do segmento – comentários). Essa situação provocava uma resposta da professora, que procurava organizar o espaço, chamando a atenção dos alunos. Nesse caso, identificamos, no segmento anterior, o uso da mesma frase que costumava usar para garantir o espaço de participação nos dois dias iniciais de aula: “quem está ouvindo?” (MU 21). O uso dessa expressão reforça a análise realizada nos dois dias iniciais de aula, no que se refere à construção de um espaço participativo e de fala, em que a professora, por meio de intervenções, procura garantir tanto a fala dela quanto a dos alunos. Foi preciso, no entanto, que a professora fizesse intervenções que buscassem orientar as participações para, assim, alcançar os objetivos da atividade proposta no processo de ensino-aprendizagem. O exemplo, a seguir, demonstra essa situação.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
36		P. tá	
37		mas tem gente	As crianças
38		pensando diferente	conversam entre elas
39		e nós vamos votar	ao mesmo tempo em
40		aqui oh	que a
41		todo mundo aqui	professora continua
42		já votou	a explicação
43		nessa sala?	
44	Als. não		Respondem juntos
45	eu já (incompreensível)		
46		P. então nós vamos	
47		fazer o seguinte	A professora escreve
48		se tem gente	as opções 1ª e 2ª no
49		que quer esse	quadro e indica as
50		e gente	escolhas possíveis
51		que quer esse	apontando as opções
52		nós vamos escolher	
53		esse ou esse	
54		só se	
55		eu escolhi	
56		esse	

57		eu não posso	
58		escolher esse	
59		ou isto ou aquilo	
60	Lucas. o primeiro		
61	o primeiro		
62		P. espera aí	
63		você vai ter	
64		você vai marcar isso	
65		daqui há pouco	
66		entendido?	
67		a primeira	Dirige-se ao quadro
68		a primeira proposta é	para mostrar
69		um colega	as propostas
70		ou uma colega	
71		indica quem quiser	Opções de como indicar
72		a gente	alguém se for o caso
73		pode até sortear	
74		não sei como...	
75		a gente conta	
76		conta sozinho	Os alunos falam ao
77		segunda proposta	mesmo tempo
78		oh	que a professora
79		tem menino aí...	
80		Vagner	Novamente, esclarece
81		está prestando atenção?	a 2ª opção aos alunos
82		segunda proposta	
83		agente começa assim	
84		um co..., um	
85		o que quiser	
86		começa	
87		a gente dá continuidade	
88		o outro dá continuidade	
89		até a gente terminar	
90		segunda proposta	
91		todo mundo está	
92	Als. tá:::	esclarecido?	

Como se pode ver, pela transcrição apresentada acima, a professora, ao constatar a existência de opiniões divergentes entre os alunos, explica essa divergência aos alunos (“mas tem gente que está pensando diferente”, MU 37-38) e, em seguida, apresenta um procedimento alternativo para que se chegue a uma posição comum. Propõe, então, que seja realizada uma votação (“e nós vamos votar”, MU 39), para definir qual será para os alunos a melhor forma de executar a atividade de contação de história. No quadro, a professora anota as duas possíveis formas de desenvolvimento da atividade, criando um registro escrito que serve de referência para o grupo de alunos exercitar sua escolha.

Alguns alunos, como o Lucas, se antecipam e explicitam suas escolhas, o que leva a professora a solicitar que espere o momento adequado para responder (“espera aí, você vai ter, vai marcar isso daqui a pouco”, MU 62-64). Essa intervenção da professora implica em dizer que, assim como as outras crianças, Lucas deve aguardar o momento

propício para opinar sobre o que pensa. Por enquanto, a proposta está sendo apresentada ao grupo para que se examine a questão e se defina, com a colaboração de todos, como a atividade será desenvolvida.

O processo metodológico utilizado pela professora para explicar a atividade objetiva detalhar o seu percurso, buscando facilitar a compreensão dos alunos. Isso pode ser identificado em suas explicações e no uso da escrita presente no quadro negro, – momento em que faz, usualmente, menção de seu percurso como forma de proporcionar aos alunos a compreensão do processo. Recorrentemente percebemos que alguns alunos estabelecem formas de participação em sala de aula diferentes daquelas esperadas pela professora: muitos se perdem em conversas paralelas e dispersão. Atenta a essas situações a professora intervém, buscando fazer com que esses alunos dispersos voltem a atenção para a atividade. Exemplo disso pode ser representado pela sua fala “oh/ tem menino aí/ Vagner/ está prestando atenção?” (MU 79-81) . Nesse caso, a docente busca fazer com que o aluno se junte aos colegas que estão atentos ao que é proposto. Mesmo havendo conversas paralelas e dispersões, a professora insiste em discutir com os alunos a atividade. Intervenções dessa natureza, por parte da professora, indicam a sua persistência em torná-los participantes do espaço da sala de aula, através da compreensão do processo participativo no contexto escolar, particularmente na sala de aula. O segmento abaixo revela mais um pouco desse processo, uma vez que contém aspectos característicos do processo democrático: votar para definir a preferência da maioria.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
93	Als. (incompreensível)	P. espera aí só vale votar uma vez se eu escolhi essa eu não posso escolher essa quantos nós somos hoje aqui na sala mesmo?	Dirige-se ao quadro para mostrar as propostas
94			
95			
96			
97			
98			
99			
100			
101			
102			
103			
104			
105	Als. trinta	P. trinta	
106		está faltando	
107		só o Eduardo né?	
108		então tem que ver	
109		se todo mundo...	
110		fez isso aqui	Alunos conversam paralelamente
111			

112		e tem uma outra também	
113		que é	
114		aquele menino	
115		que não tem	
116		uma idéia formada	
117		ele não sabe	
118		se é esse	
119		está na dúvida	
120		ou ele	
121		ainda não quer opinar	
122	Als. incompreensível		Falam juntos e
123	ele não ouviu		tentam explicar o
124	Incompreensível		que seja opinar
125		P. isso	
126		da Cecília mesmo	
127		ou eu compro o doce	
128		ou eu	
129		guardo o dinheiro	
130		não dá para fazer	
131		as duas coisas	
132		guardar o dinheiro	
133		e comprar o doce né?	
134		ou eu	
135		escolho um	
136		um colega	
137		uma colega	
138		para contar	
139		ou todos	
140	Lucas. o primeiro		
141	o primeiro		

Na seqüência apresentada acima, a professora demonstra aos alunos como se dá o processo de votação e eleição de uma das propostas. Retorna ao quadro negro para mostrar aos alunos quais são a primeira e a segunda propostas, e faz também um levantamento do número de alunos da sala. O aspecto que entendemos relevante, nesse segmento, é o fato de a professora insistir na compreensão, pelos alunos, do processo que está sendo desenvolvido. Discute, assim, o que seja, o quando e o como opinar. No caso, para a escolha da maneira de realização de uma atividade, é preciso conhecer as propostas, saber o que elas significam, e ter claro o que desejam e onde pretendem chegar com elas.

A análise do processo interacional possibilita perceber que as crianças se posicionaram, emitindo suas opiniões, e que a professora as tornavam públicas, assim como visto no capítulo anterior. Nesse sentido, o eco da fala do aluno pode ser constatado quando a professora utiliza a fala de uma aluna ao dizer “isso/ da Cecília mesmo/ou compro o doce/ ou eu/ guardo o dinheiro” (MU 125-129). A professora reconheceu a pertinência do comentário da aluna, que parece ter feito referência à poesia “ou isso ou aquilo” de autoria da Cecília Meireles. Dando repercussão à fala de

sua aluna, a professora utiliza mais um exemplo que poderia auxiliar os alunos a compreender que a escolha é algo importante nesse processo de votação. Não se pode realizar duas escolhas de uma só vez, é preciso definir aquela que melhor atende às expectativas dos participantes. No caso, para participar, é preciso que os alunos pensem, elaborem e elejam a opção com a qual melhor se identificam. A opção de outro aluno, no caso de não votar, de se abster na votação, também é legitimada como uma posição adequada para aquela situação. Ao explicar para a turma a posição tomada por um de seus colegas, a professora oferece ao grupo um outro exemplo de como alguém poderia participar naquele processo de escolha.

Deve-se chamar a atenção, entretanto, para o fato de que nem todas as opiniões ou posições manifestadas pela professora recebem esse mesmo tratamento. A fala de Lucas, por exemplo, deixa de ecoar nesse contexto, uma vez que não segue as prerrogativas já estabelecidas e discutidas pela professora com o grupo. Ele insiste em antecipar a sua posição, fugindo ao que está sendo proposto, e a professora reage a essa antecipação não mais respondendo à sua fala. Preocupa-se, portanto, conforme veremos a seguir, com a compreensão que os alunos construíram sobre o processo.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
142		P. quem quiser	
143		participa	
144		ou aqueles	
145		que estão na dúvida...	
146	Cláudio. professora		
147	professora		
148		P. espera aí	Chama a atenção da
149		o Cláudio	turma que conversa
150		quer fala alguma coisa	paralelamente para o
151		quem está ouvindo o	que um dos alunos possa
152		Cláudio?	falar
153	Cláudio. professora	o Lucas está ouvindo?	
154	porque a gente		
155	num faz assim oh		Sugere uma forma de
156	fala assim oh		realizar a votação
157	eh:::		
158	quem escolhe o número		
159	1		
160	aí		
161	todo mundo que escolhe		
162	o número 1		
163	(incompreensível)	P. mas é isso	
		que nós vamos fazer	

Por meio desse segmento, podemos observar que a professora, ao continuar explicando aos alunos como a votação seria realizada, abre espaço para que um de seus alunos apresente uma sugestão de como realizar a votação. Embora esteja um pouco incompreensível, a fala de Cláudio (MU 153-161) apresenta sugestões que vão ao encontro do que vem sendo proposto pela docente. Cláudio revela haver compreendido o que se propunha e procurou dar provas dessa sua compreensão, realizando a intervenção e, ao mesmo tempo, demonstrando sua capacidade de autoria. Se por um lado, temos a ação do aluno demonstrando compreender que aquele é um espaço em que as participações são construídas, por outro temos a professora que realiza suas intervenções no intuito de construir esse espaço. Sendo assim, o fazer pedagógico e as escolhas discursivas da docente, como tem sido possível observar, revelam privilegiar uma prática voltada para a formação de um sujeito participativo.

A seguir, estaremos apresentando outro trabalho com leitura desenvolvido pela professora. Através dele buscaremos demonstrar a configuração do espaço de participação a partir de ações da docente.

4.3 – A participação através de atividades de leitura – segundo momento

A atividade de leitura analisada, neste tópico, refere-se à leitura do texto: A mulher do piolho. Esse texto, deveria ser lido em casa pelos alunos como tarefa solicitada na aula anterior. Ele conta a história de uma mulher que queria irritar o marido e então o chamava de piolhento. Muito irritado com a situação o marido resolveu castigar a esposa. Então, amarrou suas mãos e a colocou num poço com água. Mesmo assim ela continuou chamando-o de piolhento. Ele resolveu afogá-la e, como não podia mais falar, começou a fazer gestos com a mão que representava a sua fala.

Para realizar o evento de leitura, a professora, primeiramente, procurou saber quem havia lido a história em casa e, em seguida, realizou a leitura em sala. A leitura não chegou ao final. Quando lia sobre a parte que fala a respeito dos gestos feitos pela mulher, foi interrompida por um aluno que exemplificou o ato, conforme segmento abaixo:

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
1	Al. eu sei		
2	é quando a gente		
3	fazendo assim		Faz gestos com as mãos
4	incompreensível		
5		P. isso	
6		a gente	
7		piolho	
8		a gente pega ele e oh	
9		mata o piolho	
10		essa mulher	
11		era tão danada	
12		que mesmo amarrada né?	
13		com água né?	
14	Al. ela fazia assim oh!		Faz gestos com as mãos
15		P. com água	
16		ficava chamando ele	
17		assim	Faz gestos com as mãos
18		olha	
19		a gente pode...	
20	Als. ela estava amarrada		
21	incompreensível		
22		P. é	
23		estava amarrada	
24		mas a mão	
25		a mão dela	
26		se ela fazia assim	Faz gestos com as mãos
27		ela estava junto	
28		permitia o quê?	
29	Als. a mão dela		Demonstram com as
30	estava assim		mãos o movimento
31	incompreensível		feito pela personagem
32		P. isso	
33		a mão dela estava assim	

Podemos observar que a interrupção da leitura pelo aluno provocou uma discussão entre o grupo. A professora utilizando a fala desse aluno buscou dar sentido ao texto através de reflexões. Essa situação nos remete à categoria de análise presente no capítulo 2, denominada *Ecoando a fala do aluno*. Identificamos no segmento acima que a fala do aluno repercute naquele espaço e é utilizada pela professora para promover um debate e significar o texto lido. Em todo o recorte, podemos perceber que a professora busca fazer com que os alunos exponham o que pensam sobre a história, revelando, assim, o nível de compreensão do texto. O fato de demonstrarem a ação da personagem com as mãos pode ser compreendido como um indicativo de que conseguem extrair do texto elementos que fazem parte do imaginário e dos conhecimentos prévios, tornando-os concretos ao gesticularem. Com isso, ela dá continuidade a sua aula, explorando o texto e levando os alunos a desenvolverem esse imaginário, por meio da participação e da fala. Dizemos isso, por compreendermos que

esta atividade tanto revela aspectos da alfabetização – leitura – quanto promove o espaço de fala. Os alunos participam e emitem opiniões, tendo as suas falas valorizadas e utilizadas pela docente que problematiza a atividade. No segmento abaixo identificaremos melhor como a fala do aluno repercute e qual o direcionamento a professora dá à atividade, promovendo a participação da turma.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
34		a gente	
35		pra dizer as coisas	
36		a gente	
37		pode falar	
38		de que maneira	
39		a gente pode falar?	
40	Als. palavras		
41		P. oi?	
42	Als. palavras		
43		P. a gente	
44		usa palavras	
45		e quando a gente não tem	
46		olha	
47		no caso da mulher	
48		do...	
49		do homem	
50		que dizia ser violento	
51		ela usou o que	
52		pra chamar ele?	
53	Als. gestos		
54		P. gestos	
55		que outra	
56		a gente pode falar	
57		ao invés de palavras	
58	Al. é:::		
59	fazendo (inaudível)		
60	hum:::		
61		P. fazendo som	
62		emitindo sons	
63		emitindo sons	
64		que outra maneira	
65		a gente	
66		pode ainda	
67		dizer o que	
68		a gente pensa?	
69	Als. desenho		
70		P. desenhando	
71		vocês lembram do Severino?	
72	Als. inaudível		
73	e papel		
74	no papel		
75	escrever no papel		
76		P. olha aqui oh	
77		Luciana	
78		olha	
79		então eu posso	

Aproveitando a fala do aluno, a professora passa a problematizar a situação, fazendo com que os alunos pensem para além do texto e imaginem outras possíveis situações comunicacionais – verbais e não-verbais. Podemos perceber que a atividade, por mais que se configure em uma atividade característica do processo de alfabetização, não está restrita à aprendizagem do código escrito. Através da leitura, e particularmente da intervenção de um aluno, a fala ganha espaço e conotação de participação. Não temos aqui uma fala estritamente atrelada ao texto lido, que vise somente fazer com que as crianças aprendam a ler e a retirar do texto aspectos, como nomes de personagens, lugar em que aconteceu a história, entre outros exercícios de fixação característicos de atividades interpretativas, comumente presentes em diversos livros didáticos. Temos sim uma exploração de formas de comunicação (MU 38-82) realizada pela professora ao dar eco à voz do aluno, valorizando suas experiências. A intervenção da criança só foi possível por ela saber como se espreme um piolho com as unhas. Isso significa que as vivências dos alunos estão presentes na dinâmica da aula e que têm espaço para se fazerem revelar. As escolhas discursivas da professora tendem a privilegiar o espaço de discussão e o debate com o objetivo de produzir um sentido para o que estão fazendo. Assim, como vimos nos dois dias iniciais de aula, a professora tem privilegiado os conhecimentos prévios dos alunos, valorizando suas experiências e fazendo com que eles circulem no espaço da sala de aula.

É possível identificar, no segmento anterior, como a professora problematiza a questão, buscando a participação dos alunos através da fala. Observamos, também que, mesmo que a fala dos alunos apareça em situação de resposta às perguntas feitas pela docente, elas trazem também, implicitamente, o objetivo de levá-los a compreender que existem diferentes formas de se comunicarem, e de interpretarem o texto lido. A continuação desse segmento nos revela que o trabalho com as formas de comunicação se concretiza, quando a professora solicita aos alunos que apresentem o texto para os colegas.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
83		olha	
84		quem gostaria	
85		de se arriscar	
86		pra contar a história	
87		a mulher do piolho	
88		com as suas palavras	
89		não precisa	
90		estar usando	
91		a palavra do texto	
92	Als. professora		
93	pode beber água?		
94	professora		
95	qual (inaudível)		
96		P. qual palavra	
97		qual história	
98		eu pedi	
99		para preparar em casa?	
100	Als. a mulher do piolho		
101		P. ótimo	
102		então	
103		quem quer arriscar?	
104	Als. eu		
105	eu		
106		P. hoje nós temos	
107		muita gente	
108		para arriscar	
109		psiu	
110		Camilo	Alunos levantam a mão
111		vamos tentar	
112		o Eduardo	
113		depois	
114		a gente	
115		tenta outra pessoa	
116		outra criança tá?	
117	Al. professora		
118	pode beber água		
119		P. o filtro está aí	
120		espera aí	Dirigi-se à turma antes
121		primeiro vou pedir	do Camilo começar
122		a Maria Carla	
123		para virar pra cá	
124		nós vamos	
125		falar alto	
126		contar	
127		com suas palavras	
128		não esquece do título	

Após explorar rapidamente com os alunos as diferentes formas de comunicação, ela solicita que eles apresentem o texto aos colegas oralmente. Para isso, convida os alunos perguntando “quem gostaria de se arriscar para contar a história?” (MU 97-99). Além disso, esclarece que essa contação tem que ser com as próprias palavras (MU 101,140). A atividade implica num momento de elaboração do aluno. Para contar com suas palavras, ele tem que conhecer a história, pensar sobre ela e sobre a melhor forma

de contar para que seus colegas compreendam. O pensar, visto em capítulos anteriores, reaparece com a mesma conotação, ou seja, levar os alunos a elaborarem suas falas. O espaço de participação promovido pela professora contribui para que os alunos possam se posicionar frente aos seus colegas e às diferentes situações que emergem no contexto da sala.

Outro aspecto que revela a compreensão das formas de participação está no fato de os alunos levantarem a mão para solicitar o direito de fala. Esse ato demonstra a compreensão e de algumas regras de participação no jogo discursivo característico da sala de aula. Através deste ato, eles solicitam a sua participação, oportunizada pela professora quando diz: “quem quer arriscar?” (MU 116).

Embora não esteja aqui representada, a contação da história realizada pelos alunos acontece logo após a MU 141. Eles contam a história para os colegas conforme proposto pela professora, acrescentando a ela a subjetividade própria de cada contador. Podemos, nesse sentido, inferir que as ações da professora indicam a possibilidade da construção de um espaço de participação e de fala, que conduza os alunos à compreensão dessa construção e à atuação efetiva como participantes desse espaço.

O próximo evento de leitura, apresentado a seguir, reforça essa possibilidade ao demonstrar como a professora busca construir com os alunos um sentido para uma excursão que será realizada em um parque próximo à escola acompanhada da leitura de um texto informativo.

4.4. A participação através de atividades de leitura – terceiro momento

Utilizando o mesmo procedimento metodológico, já visto anteriormente, em que os alunos levam o texto para casa e na aula seguinte o discutem, a professora inicia a discussão sobre o texto, fazendo primeiramente uma leitura sobre ele. Trata-se de um texto informativo sobre o Parque Lagoa do Nado. É um pequeno parque florestal situado na região em que se encontra a escola. A proposta é que os alunos visitem o parque para conhecê-lo e participarem de atividades de artes, leitura, entre outras. Para isso, na aula anterior, a professora distribuiu um texto informativo sobre o Parque Lagoa do Nado e solicitou aos alunos que lessem o texto. Ao iniciar a correção do “para casa” desenvolveu com os alunos uma atividade de leitura buscando fazer com que compreendessem o texto e a visita por meio do acesso a detalhes sobre o lugar. Após a

leitura, ela busca construir com os alunos um sentido para a visita, conforme recorte abaixo:

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
1		P. por quê que a gente	
2		está lendo	
3		esse texto	
4		por quê?	
5	Als. inaudível		
6	pra gente ver se		Alunos falam ao mesmo tempo
7	inaudível		
8		P. por quê que eu li?	
9		por quê que é importante	
10		a gente	
11		estar lendo esse texto	
12		pra gente	
13		mais ou menos	
14		estar sabendo	
15		o que que	
16		nesse parque tem	

A professora inicia a discussão do texto, problematizando o seu conteúdo. Ao perguntar: “por quê que a gente/ está lendo/ esse texto?” (MU 1-3) ela objetiva fazer com que os alunos participem daquele momento de leitura e compreendam o motivo da sua realização. Para ir ao parque, é preciso que eles saibam e entendam o que vão fazer lá (MU 12-16). Nesse sentido, a professora começa a interrogá-los sobre essa visita e, ao mesmo tempo, busca fazer com que pensem sobre a situação. Embora não apareça a palavra *pensar*, identificamos implicitamente na fala da professora a preocupação em fazer com que os alunos pensem e elaborem sobre o significado do texto e sua função. Essa atividade de leitura revela situações próprias do processo de alfabetização, da aprendizagem do código escrito, características de concepções educacionais fundamentadas em bases epistemológicas interacionistas. Vemos que as ações da professora revelam a intenção de promover a participação para que os alunos possam inferir sobre o assunto e produzir sentido ao que leram. No segmento abaixo, será possível identificar a dificuldade de alguns alunos em compreender o que se propõe e, também, como a professora age para fazer com que compreendam o texto e como se dará a visita.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
17		quando a gente	
18		lê um texto	
19		a gente está	
20		buscando	
21		informação	
22		sobre a Lagoa do Nado	
23		quando vocês me falam	
24		que que é Lagoa do Nado?	
25		eu não sabia	
26		sabia pouquíssimas coisas	
27		e agora	
28		nós tivemos	
29		mais algumas informações	
30		viu Isabel?	
31		sobre a Lagoa do Nado	
32		então	
33		na terça-feira...	
34	Lucas. ué		
35	lá tem lagoa?		
36		P. tem meu filho	
37		por isso que chama	
38		Lagoa do Nado	
39	Al. lá tem piscina?		
40		P. não foi	
41		falado aqui...	
42	Al. não		
43	não tem		
44		P. que tem uma lagoa	
45		alguém	
46		ô Lucas	
47		você não prestou atenção	
48		que tem	
49		uma parte do texto	
50		que diz	
51		que tem lago	
52		com peixes	
53		bagres, traíras e lambaris?	
54	Al. tem peixe...		
55	oh		
56	pode pescar?		
57		P. olha	
58		lá	
59		(inaudível)	
60		é aberto para pesca	
61		mas o dia	
62		que a gente for	
63		não vai ser aberto	
64		para pesca	
65		como eu falei	
66		pra vocês	
67		nossas atividades	
68		vão concentrar	
69		no	
70		no andar	
71		que fica a biblioteca	
72		que nós vamos	
73		fazer várias oficinas	
74		de teatro	
75		de brincar	

Ainda sobre a leitura do texto (MU 17-29), a professora insiste em mostrar que função ele cumpre nesse contexto. Revela que sabia poucas coisas sobre a Lagoa do Nado e, agora, após ter lido, descobriu novas coisas. Mesmo buscando, didaticamente, fazer com que as crianças compreendam o texto e vejam a sua funcionalidade, ela esbarra na incompreensão de alguns alunos. Um deles se arrisca a perguntar: “ué, lá tem lagoa?” (MU 34-35). Podemos entender essa pergunta de três formas. A primeira, passa pela incompreensão do texto lido e relido. A segunda, passa pela dispersão em relação ao assunto e a terceira, pela não leitura do texto em casa. Em qualquer uma dessas formas, observamos que, somente após a explicação da professora e ao frisar o nome *lagoa*, o aluno percebeu que poderia se tratar de um parque que tivesse um lago. Por mais que a maioria da turma tenha compreendido, há um ou outro aluno que faz com que o assunto seja retomado, levando a professora a traçar estratégias que o conduzam à significação.

Vimos, portanto, que a construção do espaço de participação e de fala implementado pela proposta de trabalho da docente requer um fazer pedagógico que esteja atento às diversidades e aos tempos de aprendizagem. No próximo segmento é possível perceber como esse espaço de participação é aberto e conduzido pela professora.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
76	Al. professora		
77		P. olha	
78		perguntas	
79		ô Isabel	
80	Al. professora		
81		P. deixa eu só encaminhar	
82		perguntas	
83		vamos ouvir	
84		a pergunta do colega	
85		pra não repetir	
86		a mesma coisa	
87		ouvir o que o colega	
88		está perguntando	
89		se é aquilo	
90		que eu quero saber	
91		eu não preciso	
92		repetir	
93		Camila	

Ao dar continuidade à discussão sobre a visita ao Parque Lagoa do Nado, a professora procura organizar as intervenções da turma. Uma vez que os alunos têm feito perguntas sobre a visita, orientados pela leitura do texto, a professora abre formalmente o espaço para perguntas (MU 77-79). Após ser chamada por um dos alunos, ela não responde e explicita para eles que o espaço é para a fala de todos mas que necessita de organização (MU 81). Ao dizer: “deixa eu só encaminhar” significa solicitar um tempo para organizar a turma e abrir espaço para que os alunos possam falar. Novamente, como vimos no capítulo 3, ela busca garantir o espaço de fala dos alunos quando diz: “vamos *ouvir*/ a pergunta do colega” (MU 83-84). Ao falar, em seguida, que o fato de *ouvir* é para não repetir a mesma pergunta, ela não só procura garantir o espaço de fala dos alunos, como também revela que a participação deve ser elaborada e qualificada. Não vale ficar repetindo uma pergunta que já foi feita. Para isso, é preciso que estejam atentos e envolvidos no debate. O discurso não pode ser qualquer um. Deve ser coerente com o contexto de produção.

Quanto à participação, podemos perceber que esse espaço é proposto pela professora, explicitamente, quando sugere aos alunos que façam perguntas sobre a visita ao Parque (MU 78 e 82). Novamente, observamos que a atividade de leitura não tem um fim em si mesmo. As ações da docente implicam em construção de contextos que extrapolam as tradicionais atividades de ler e interpretar, tirando do texto frases prontas que pouco contribuem para a significação da realidade do aluno. O que podemos identificar são ações da docente que buscam contribuir para que os alunos elaborem o pensamento e possam refletir sobre essa realidade.

Identificamos, também, que as dificuldades geradas *no* e *pelo* processo participativo implicaram na retomada de regras de participação que fizeram parte dos dois dias iniciais de aula. Uma vez discutidas e debatidas essas regras no início do período letivo, a expectativa que se tinha era de que elas fossem compreendidas e utilizadas pelos alunos, passando, assim, a fazer parte do cotidiano de cada um deles. Vimos, então, por meio da análise apresentada, que por mais que a professora buscasse construir um espaço participativo ainda havia dispersão e muita conversa dos alunos (coluna 4 dos segmentos – Comentários), o que gerava tumulto e dificuldade no desenvolvimento das atividades. Nesse sentido, ao final do semestre, a professora propõe aos alunos a elaboração de um projeto que visa estabelecer um contrato de participação, a fim de promover e qualificar a participação e a aprendizagem dos alunos. No capítulo seguinte, abordaremos a elaboração desse projeto que procura

resgatar as formas de participação, revelando, em seu processo, a busca da construção dessas formas via a participação do grupo.

Sintetizando

Neste capítulo buscamos identificar e analisar como a professora atua no sentido de garantir que os alunos tornem-se co-responsáveis pela construção e manutenção do seu espaço de participação e de fala. Foi possível constatar, por meio da análise realizada, que o espaço de participação e de fala dos alunos foi, insistentemente, promovido pela professora. Ao desenvolver as atividades de leitura, a docente buscou elaborar estratégias que levassem as crianças a se posicionarem e opinarem sobre as diversas questões que emergiram no espaço da sala de aula. As intervenções da professora demonstraram a preocupação em tornar os alunos participantes do espaço da sala de aula, por meio da compreensão do processo participativo no contexto escolar e, particularmente, na sala de aula.

CAPÍTULO V

A negociação do espaço de participação no final do semestre

No capítulo anterior, buscamos analisar como a professora atua no sentido de promover o espaço de participação e de fala dos alunos em atividades de leitura. Estaremos, neste capítulo, desenvolvendo um processo de análise semelhante, com o objetivo de investigar como atua a professora ao buscar garantir que os alunos se tornem co-responsáveis pela construção e manutenção do seu espaço de participação e de fala. Para isso, selecionamos uma proposta de trabalho da professora que se iniciou no final do mês de maio e se estendeu pelo mês de junho do ano de 2000 (final do semestre). Essa proposta teve como objetivo fazer com que os alunos refletissem sobre a sua participação em sala de aula, constituindo-se, assim, em uma renegociação das formas de participação e de fala no contexto da sala de aula.

Iniciaremos a análise pela contextualização do projeto, para, em seguida, apresentarmos e analisarmos recortes de fala que nos auxiliarão a compreender melhor como acontece a renegociação do espaço de participação e de fala dos alunos na Sala Amarela. Para tanto, optamos por selecionar cinco dias de aula em que essa proposta foi desenvolvida.

5.1. Uma breve contextualização

No decorrer do primeiro semestre do ano de 2000, a professora organizou com os alunos a rotina da sala de aula. Todos os dias, ao entrar em sala, escrevia no quadro uma lista de atividades a serem realizadas. Essa lista de atividades foi denominada pela professora de *rotina*, que seria cumprida por ela e pelos alunos. Essa rotina se realizava de acordo com o dia da semana. As aulas dadas pela professora aconteciam nas segundas, quartas e sextas-feiras e, em cada um desses dias, eram realizadas diversas atividades.

Ao longo do semestre, a sala de aula sempre se manteve organizada em grupos de 4 ou 5 alunos. O que se modificou, nesse período, foi a forma de agrupamento. No início do semestre, a professora optou por organizar a turma em grupos, sem critérios rigorosos previamente estabelecidos. Cada criança escolhia o seu lugar. Nesse período, percebemos que a professora buscou definir o perfil da turma, observando como se davam as escolhas das crianças e como interagiam. Cerca de um mês e meio após o

início das aulas, modificou os grupos, propondo uma rotatividade entre as crianças. Em um terceiro momento de organização dos grupos, observamos que, ao identificar que os alunos poderiam fazer suas próprias escolhas, optou por agir a fim de que isto se efetivasse. Entendemos que essa atitude da professora revela uma intenção de construir, não somente um espaço de participação, como também a relação entre sujeitos autônomos, capazes de realizarem suas próprias escolhas. Ela, de certa forma, divide com os alunos as responsabilidades do funcionamento da sala de aula.

Por mais que esse fazer pedagógico possa promover a inserção dos alunos no jogo discursivo realizado em sala de aula, e também no aprendizado das regras de participação, identificamos que havia uma dificuldade da professora em desenvolver as atividades, uma vez que os alunos conversavam muito entre eles. Essa situação começou a incomodar a professora que buscou resolvê-la por meio da elaboração de um projeto, juntamente com os alunos, que conduzisse a uma reflexão sobre a situação e indicasse algumas alternativas.

Para tanto, na aula do dia 31 de maio de 2000, ela conversou com a turma e apresentou uma proposta de organização e de participação em sala de aula que envolvesse e que co-responsabilizasse todos. Utilizou o mesmo ritual usado para contar histórias, ou seja, juntou ao seu redor todas as crianças, sentadas no chão, e procurou, inicialmente, expor o que estava percebendo na turma. Em seguida, apresentou sua proposta para o tratamento dos problemas que havia identificado. Esse ritual de problematizar com os alunos questões a serem trabalhadas pelo grupo era uma prática da professora e caracterizava uma escolha metodológica para o desenvolvimento de determinadas atividades como, por exemplo, a contação ou leitura de histórias. A sensação que pudemos vivenciar nesse processo indica um momento em que a relação professor/aluno se torna, de certa forma, mais próxima e um pouco mais consolidada.

5.2. Primeira aula 31/05: iniciando o projeto

A realização do projeto teve por objetivo conduzir os alunos à reflexão sobre as dificuldades encontradas pela professora em desenvolver as atividades em sala de aula e levá-los a pensar em possibilidades de mudança para o bom funcionamento daquele espaço. O segmento apresentado abaixo registra o início das discussões dessa questão pela professora.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
1		P. agora	Antes dessa,
2		eu vou falar	primeira fala a professora
3		alguma coisa que:::	inicia o assunto falando
4		alguma coisa que	sobre o projeto, porém
5		que a gente	está incompreensível. Trata-se de
6		não está dando conta	uma frase rápida para, em
7		ou seja	Seguida, chamar a atenção
8		É:::	de um aluno que estava
9		um dia	conversando paralelamente
10		na segunda	
11		na quarta	
12		na sexta	
13		a gente está junto	
14		e uma coisa	
15		que tem	
16		me incomodado muito	
17		e a dificuldade	
18		que eu estou tendo	
19		de trabalhar com vocês	
20		principalmente	
21		com algumas crianças	
22		porque parece	
23		que a gente	
24		combinou as coisas	
25		mas as coisas	
26		não estão muito claras	
27		para gente não	
28		ou seja	
29		nós não estamos entendendo	
30		o que foi combinado não	
31		então	
32		chegando em casa	
33		eu fiquei pensando	
34		viu Eduardo?	
35		da gente	
36		está montando um projeto	
37		sobre é:::	
38		uma coisa assim	
39		combinou tá combinado!	
40		alguém aqui	
41		sabe me explicar	
42		o que é um projeto?	
43		se eu tenho um projeto	
44		por exemplo de de...	
45	Al. é uma atividade		
46		P. é uma atividade?	
47	João. projeto é é:::		
48	meu projeto		
49	por exemplo		
50	eu tenho que que		
51	ter alguma coisa		
52	pra gente fazer		
53	assim projeto		
54		P. alguma coisa	
55		que possa fazer...	
56	Ilton. professora		
57		P. ahn	
58	Ilton. incompreensível		

Observamos que a proposta nasce da necessidade de organização da participação da turma, manifestada pela professora que busca, através dessa proposta, envolver os alunos, co-responsabilizando-os no processo. Ao iniciar a discussão com os alunos, precisou chamar a atenção para a sua fala. Ela diz “agora eu vou falar” (MU 1-2). Essa fala da professora ocorre no momento em que procura expor aos alunos suas preocupações com as formas de participação de todos no espaço da sala de aula. Para ela, está difícil desenvolver suas aulas e, por conseguinte, promover a participação da turma. A professora manifesta sua preocupação ao dizer: “que tem me incomodado muito é a dificuldade que eu estou tendo de trabalhar com vocês” (MU 15-19). Percebemos que, nesse momento, a fala da professora revela a preocupação com a construção de um espaço interacional no qual as regras de participação estejam claras para os participantes, e que eles participem de acordo com elas.

Em sua conversa com os alunos, procura deixar claro novamente os papéis de cada um naquele espaço. Como professora da turma, ela traz uma proposta para tentar solucionar um problema que a incomoda. Ao revelar aos alunos que está tendo dificuldades em trabalhar com eles, ela reafirma seu lugar de professora. Em seguida, ao dizer “parece que a gente combinou as coisas” (MU 22-24) ela revela que as relações que se dão naquele contexto, são produzidas a partir das interações e negociações entre os participantes. Para tanto, demonstra que a proposta de um projeto vem do fato de não estar conseguindo atingir os seus objetivos, contudo espera que os alunos apresentem propostas que visem alterar o que se tornou rotina. Essa posição da professora é importante para compreendermos de que lugar a docente fala naquele espaço, e que lugar de fala é dado ao aluno (Foucault 1998). A sua prática revela a intenção em construir um espaço de participação que garanta a aprendizagem dos conteúdos da alfabetização, assim como a formação de um sujeito ativo, participativo.

A análise desse segmento nos permite, também, identificar uma recorrência de aspectos que observamos nos dois primeiros dias de aula. Um deles, o *nós* inclusivo (Barbosa, 2001), por exemplo, que aparece em sua fala, explicitamente, quando diz “nós não estamos entendendo o que foi combinado não” (MU 29-30) e, implicitamente, em outras falas quando utiliza a expressão “a gente”. Podemos verificar que as falas da professora, nos dias iniciais de aula, se fazem presentes também no final do semestre. Há uma fala que se repete com um significado semelhante ao que já vimos anteriormente. A sua fala é dirigida ao grupo como um todo, e ela se inclui nele, mesmo que, em relação ao primeiro uso do “nós” apresentado acima, possamos dizer que se

trata de um “nós” retórico, que não implica de fato a não compreensão, por parte da professora, das regras que ela quer ver seguidas. Com o uso do “a gente” usado para se referir a coisas feitas ou a fazer pelo grupo, identificamos que, ao propor aos alunos repensar a participação, ela se inclui como um dos membros que precisa também repensar esse espaço. Isso pode ser visto como um indicativo de que a professora vem desenvolvendo, durante todo o semestre, situações que buscavam promover a participação do grupo.

Essa situação pode ser melhor exemplificada em sua fala quando diz: “o que é um projeto?” (MU 42). Após haver contextualizado toda a situação e explicitar aos alunos o que pensa a respeito das interações que se têm configurado na sala de aula, ela espera deles uma manifestação. Diz que pensou em um projeto, mas, antes de explicar melhor o que seja, explora os conhecimentos prévios dos alunos sobre o assunto. Identificamos, novamente, que há uma preocupação da docente em fazer com que os alunos signifiquem as situações vivenciadas. No caso, ao perguntar o que é um projeto, além de uma sondagem dos conhecimentos prévios, ela constrói, em conjunto com os alunos, um significado do que seja um projeto para aquela situação específica. Conforme Moita Lopes (1998), essa é uma forma dos participantes discursivos significarem uma realidade social ou mesmo o mundo em que vivem. O que se conclui é que as escolhas discursivas da professora encontram-se fundamentadas em abordagens teóricas que privilegiam a linguagem enquanto ação. Temos percebido com suas intervenções uma busca da construção de um processo interativo em sala de aula, produto dessa concepção.

Podemos ainda, através do segmento de fala exposto, apresentar outro aspecto, já anteriormente abordado, que reforce essas análises. Trata-se do *pensar*. A professora diz aos alunos: “eu fiquei pensando (...) da gente está montando um projeto” (MU 33 e 35-36). Essa fala nos remete às falas analisadas no capítulo 3, em que o *pensar* aparece como uma categoria importante para explicar as possibilidades de participação no contexto da sala de aula. Não diferente disso, o *pensar* surge, novamente, com a mesma conotação. O fato de estar pensando sobre um projeto significa, nesse contexto, que a fala da professora foi previamente elaborada. Assim, como solicitava aos alunos que ouvissem e pensassem para falar, ela revela que também precisa fazer esse exercício para conduzir as suas aulas. Uma vez que estava difícil realizá-las, foi preciso pensar e elaborar estratégias de atuação. Ressaltamos que a responsabilidade dessas estratégias é

dividida com os alunos, que são convocados a rever suas posições face à interação em sala de aula, a partir da proposta de construção do projeto.

No tópico seguinte, temos a oportunidade de observar como o processo foi se configurando e privilegiando um trabalho coletivo. O desenvolvimento dessa atividade será melhor identificado na análise da próxima aula. Nela, abordaremos trechos da fala da professora que revelam a intencionalidade de sua prática e como o projeto começou a ser desenvolvido. Além disso, pretendemos novamente retomar a discussão sobre o *pensar*, como um exercício de elaboração dos alunos face ao processo de interação proposto pela docente.

5.3. Segunda aula 02/06: identificando o projeto

Ao terminar a aula do dia 31-05-00, a professora solicitou aos alunos como tarefa de casa pensar sobre um nome para o projeto. Havia dado a sugestão do nome “Combinou tá combinado”, mas gostaria que os alunos se manifestassem a respeito, dando também as suas sugestões. Durante a aula do dia 02-06, como veremos no recorte a seguir, a professora solicita aos alunos que falem sobre o que pensaram a respeito do projeto.

Num.	Fala dos alunos	Fala da professora	Comentários
1		P. bem olha	
2		o para casa hoje	
3		eu pedi	
4		ocê já abriu a agenda	Chama a atenção de um
5		do dia	aluno que estava disperso
6		do para casa de hoje	
7		já?	
8		foi o seguinte	
9		pense	
10		sobre o projeto	
11		dos combinados	
12		da nossa turma	
13		né?	
14		então hoje	
15		nós vamos	
16		ter um tempo	
17		para estar conversando	
18		um pouquinho	
19		sobre esse projeto	
20		dos combinados	
21	Al. eu pensei		
22	muito bom		
23		P. então	
24		nós vamos	
25		viu Soraia?	Aluna conversando

26	a gente	Paralelamente
27	vai estar conversando	
28	um pouquinho	
29	porque	
30	quer dizer	
31	começou na 4ª feira	
32	a gente conversar	
33	hoje nós vamos conversar	
34	é:::	
35	na semana que vem	
36	a gente	
37	vai conversar e escrever	
38	esses combinados	
39	o que eu estou pensando	
40	e não é só ficar	
41	na cabeça não	
42	viu, Cláudio?	
43	é pra ficar	
44	na cabeça	
45	no papel	
46	no cartaz	
47	pra toda hora	
48	a gente	
49	está sinalizando	
50	o colega né?	
51	o colega	
52	a professora	
53	todos os professores	
54	que também	
55	vão fazer	
56	parte dos combinados	
57	né?	
58	então seguinte	
59	Soraia	Chama a atenção da aluna
60	pronto aí?	que estava conversando
61	gente	paralelamente
62	então	
63	vamos ver aqui	
64	o que vocês	
65	pensaram sobre o projeto	
66	sobre esses combinados	
67	espera aí	
68	quem está me ouvindo:::?	

A professora inicia a atividade lembrando os alunos sobre o que havia solicitado a eles como tarefa de casa. Novamente o “*pensar*” aparece em sua fala. Observamos que esse é um aspecto bastante relevante para o desenvolvimento do projeto proposto. Ao solicitar que os alunos *ensem* sobre o projeto, a professora busca envolvê-los nessa construção, conduzindo-os a uma reflexão sobre o que estão construindo naquele espaço.

Esse processo pode ser exemplificado em sua fala “*pense/ sobre o projeto/ dos combinados/ da nossa turma*” (MU 9-12). Nessa fala, a professora explicita o que espera

dos alunos em relação ao projeto. É preciso que pensem para que possam construí-lo coletivamente. Na seqüência de sua fala, ela procura deixar claro para os alunos que eles estão iniciando esse processo de construção do projeto. Ao dizer “nós vamos ter um tempo para estar conversando” ou mesmo “começou na quarta-feira”, “hoje nós vamos conversar(...) na semana que vem a gente vai conversar e escrever”(MU 15-17, 31, 33, 36-38) procura demonstrar que haverá uma seqüência em que estarão discutindo os passos do projeto. O que percebemos é que há, por parte da docente, uma preocupação em não realizar o projeto individualmente. Ela reafirma, por meio de sua postura estar privilegiando um trabalho coletivo na busca de um sentido para o que estão realizando. Para Spink e Medrado (2000), o sentido é uma construção social, um empreendimento coletivo e interativo através do qual as pessoas compreendem e lidam com as diversas situações à sua volta. Nesse caso, podemos identificar na prática da professora a preocupação em conduzir os alunos à produção de um sentido sobre o que fazem no espaço escolar, particularmente na sala de aula.

As falas da docente “o que estou pensando não é só para ficar na cabeça não” e “é pra ficar na cabeça, no papel, no cartaz” (MU 39-41, 43-46) ratificam sua postura e escolha discursiva, revelando uma preocupação em garantir que as discussões não se percam no tempo e no espaço. Além de discuti-las oralmente, será preciso que as crianças registrem, por meio da escrita, as suas falas para que possam retomá-las visualmente. Podemos, aqui, perceber que a escrita se faz necessária e importante como forma de concretizar o que se discute oralmente. As funções da fala e da escrita ocupam os espaços pertinentes a cada uma delas, conforme o contexto e a situação interacional em que emergem em sala de aula. Percebemos, ainda, que ao defender que o projeto não é só para ficar na cabeça mas, também, no papel, a professora revela a importância do registro escrito como forma de selar um compromisso. Escrever firma um compromisso que não se perderá no tempo, uma vez que o documento poderá ser retomado para reafirmação do compromisso assumido pela turma e, também, para sua reelaboração.

Nesse sentido, ao discutir com os alunos sobre o nome do projeto, a professora busca estratégias de participação que promovam a aprendizagem. No caso, refere-se ao contexto escolar e às formas de participação nesse contexto. Esse projeto busca resgatar as formas de participação e, particularmente, viabilizar a aprendizagem das crianças. Para tanto, Gumperz (1991) nos afirma que as situações de interação e as estruturas participativas que promovem a aprendizagem encontram-se imbuídas de aspectos culturais inerentes aos sujeitos. Entendemos, por isso, que a retomada de um processo

de avaliação das regras de participação traduz a diversidade cultural de uma sala de aula e, portanto, as dificuldades de se organizar esse espaço para promover a aprendizagem por meio da participação coletiva.

Outro exemplo que pode ser demonstrado, a respeito desse trabalho desenvolvido pela professora, está na elaboração do nome do projeto. Como visto anteriormente, a tarefa de casa foi pensar sobre o projeto. Esse *pensar* inclui, também, a elaboração de um nome diferente do que havia sido sugerido pela professora. Para isso, ela solicita aos alunos que exponham o que pensaram. A lista de nomes foi escrita no quadro, a partir do que os alunos ditavam. Os nomes sugeridos foram: *Trato é trato*, *Promessa é dívida*, *Prometeu tem que cumprir*, *Psii! Combinou cumpriu*, *Combinados da turma Amarela*, *Combinados dos alunos*, *Combinou tá combinado*, *Combinados*, *Sem brigar*, *Cumprir a rotina*, *Combinou tem que ter trato e Combinou tem que cumprir*. Depois de anotadas as sugestões, os alunos votaram pelo título que mais gostaram. A votação se deu por aclamação, levantando a mão. Ressaltamos que entre os nomes sugeridos também havia aquele cogitado pela professora. Com isso, pretendemos demonstrar que, ao buscar a construção da participação coletiva, novamente a professora se inclui no processo. Embora a palavra “nós” não tenha aparecido, implicitamente há um “nós” inclusivo, ou seja, as regras que serão ali revistas serão para todo o grupo, inclusive para a professora.

A seguir, demonstraremos o desenvolvimento do projeto e as estratégias utilizadas pela professora para concretizá-lo de forma participativa, além de retomarmos algumas categorias anteriormente abordadas, que aqui se fazem recorrentes.

5.4. Terceira aula 05/06: o ouvir e o pensar na construção do projeto

O próximo passo foi a construção do projeto a partir de elementos como o *ouvir*, o *pensar*, apresentados pela professora e pelos alunos. Ressaltamos, também, que diferentemente dos projetos pedagógicos que conhecemos, este projeto não objetiva o desenvolvimento de conteúdos inerentes ao processo de alfabetização. Ele trata da participação dos alunos e das possíveis relações que se desenvolvem em sala de aula que, de alguma forma, podem influenciar o processo de ensino-aprendizagem, o que não impede que os conteúdos sejam contemplados. Portanto, compreendemos esse momento como característico da dinâmica interacional da sala de aula, que passa por uma situação

de reflexão na busca de qualificar o processo de ensino-aprendizagem, particularmente a alfabetização.

Para analisarmos como a atividade se realizou no dia 05 de junho, optamos por transcrever dois trechos da fala da professora orientando a produção dos alunos, assim como já fizemos em momentos anteriores. Os trechos transcritos focalizaram mais a fala da professora para enfatizar como busca garantir e manter o espaço de participação dos alunos. Inicialmente faremos uma breve contextualização e, em seguida, abordaremos a fala transcrita.

A sala de aula, como sempre, estava organizada em grupos. A professora se dirige aos grupos lembrando o porquê de estarem desenvolvendo o projeto. Diz aos alunos que, embora já tenham feito “alguns combinados anteriormente, eles não estavam sendo cumpridos”, e que agora iriam ser trabalhados de forma diferente. Seriam discutidos e escritos por todos. Cada aluno teria no seu caderno a escrita desses combinados além de serem, também, afixados na sala de aula com o propósito de reflexão. Isto significa, conforme a professora, que caso os combinados não estejam sendo cumpridos, todos estarão refletindo sobre o motivo desse não cumprimento. Mais uma vez, percebemos na prática da professora a recorrência da problematização de uma situação que promova o questionamento dos alunos e a construção de significado. O projeto terá que possibilitar uma reflexão processual. Isto é, durante o ano letivo, eles recorrerão aos combinados como forma de compreenderem as relações que se estabelecem na sala de aula, e de tentarem resgatar e garantir o que entenderam e combinaram.

A data dessa aula marca o início do registro escrito do projeto. A professora organiza os alunos para que escrevam sobre ele. Essa proposta fica melhor explicitada no recorte abaixo:

Num.	Fala do aluno	Fala da professora	Comentários
1		P. cada grupo	Esta foi a fala da professora para iniciar os trabalhos de registro escrito do projeto.
2		vai receber um papel	
3		que vou entregar	
4		e vai pensar	
5		nos combinados	
6		e pra começar a pensar	
7		começar a pensar	
8		pensar em grupo	
9		não é pensar	
10		separado não	
11		não é aquilo	
12		que o Rodrigo	
13		acha não	
14		quem está me ouvindo?	
15		nós vamos	
16		pensar em grupo	
17		vamos supor que	
18		nós vamos	
19		pensar primeiro sobre	
20		os combinados	
21		combinados dos grupos	
22		de organização dos grupos	
23		todo mundo vai falar	
24		expor as idéias	
25		you concorda	
26		com isso	
27		concorda?	
28		então tá bom	
29		eu vou escrever	
30		isso aqui	
31		não é pra cada um	
32		fazer o seu não	
33		you ouviu Paulo?	
34		é discutir	
35		um fala	
36		outro fala	
37		concorda	
38		discorda	
39		sem brigar	
40		Tentar ouvir o colega	
41		viu Wagner?	
42		aqui oh	
43		tentar escutar	
44		escutar	
45		chegar num acordo	
46	Cláudio. ouvir		
47	ouvir		
48		P. ouvir	
49		escutar né?	
50		chegar num acordo	
51		anotar tudo aquilo	
52		que a gente	
53		de acordo com	
54		com o outro (inaudível)	

Assim como na análise dos dois primeiros dias de aula, identificamos que na fala da professora se fazem recorrentes categorias antes já abordadas, como o *pensar*, o *ouvir* e o *escutar*. Além disso, percebemos que o trabalho em grupo e a própria organização da turma em grupos permanece. O recorte transcrito acima nos mostra que a professora, ao iniciar o registro do projeto, tem como proposta de trabalho buscar envolver os alunos e torná-los participantes do processo.

Verificamos, no início do recorte, que a professora privilegia o trabalho em grupo, em diversos momentos, como pode ser observado em sua fala: “cada grupo”, “pensar em grupo”, “Combinados dos grupos” “de organização dos grupos” (MU 1,8,16,21,22), demonstrando a importância das crianças desenvolverem o trabalho coletivamente. Quando diz “nós vamos pensar em grupo” (MU 15-16), essa intenção fica mais explícita ao demonstrar que todos irão pensar sobre o projeto (MU, 4 a 10). Mesmo sendo o lugar de ações coletivas e de possível fala de todos, não podemos deixar de pensar que essas falas sofrem um controle (Foucault, 1998). O lugar de fala pode ser de todos, porém essas falas são controladas por mecanismos, conforme abordado anteriormente. É possível, portanto, que nesse espaço o aluno tenha vez e voz, porém é preciso selecionar *o que* dizer e *como* dizer. Ele estará, no caso, participando de um processo em que opinar e se posicionar é fundamental, porém é preciso saber como fazê-lo. Além disso há, também, um exercício de escutar o outro. Percebemos que para a professora é nessa troca que o processo de interação se constrói. É através da fala, da produção discursiva e da troca de idéias que os alunos formulam suas hipóteses e propostas.

A professora reforça, ainda, a importância do *ouvir*, nas MU 34 a 45. Ouvir o que o colega tem a dizer é importante para a construção do projeto e para a formação de um sujeito participativo. O projeto não pode ser realizado individualmente, deve ser uma construção coletiva. Além disso, devem haver regras para essa construção. Ao dizer “é discutir, um fala, outro fala, concorda, discorda sem brigar, tentar ouvir o colega” (MU 34-40), a professora explicita formas de se posicionar e de se construir um trabalho coletivo. É preciso dizer o que pensa e, ao mesmo, tempo respeitar a fala e a posição do colega. Conforme Spink e Medrado (2000), as pessoas produzem sentido e se posicionam em situações cotidianas através de práticas discursivas. Nesse caso, a proposta da professora intervém no sentido de conduzir as crianças à compreensão desse processo. As ações realizadas por ela, através das práticas discursivas, possibilitarão

momentos de rupturas e de ressignificação da realidade social (Spink e Medrado, 2000; Moita Lopes, 1998), pelos alunos, por meio da co-participação deles no processo.

Assim, identificamos na ação de um dos alunos uma forma de efetivar sua participação, concordando com a professora e confirmando o que ela havia afirmado (MU 46 e 47). Cláudio, provavelmente, no decorrer do semestre, através do processo interacional e das práticas discursivas desenvolvidas em sala de aula, internalizou a fala da professora. O *ouvir* é reproduzido por ele revela a importância do ato de ouvir para qualificar a participação e para garantir o espaço de todos os participantes. Embora ele faça o jogo discursivo da sala de aula e responda ao que a professora espera, sua posição reforça a importância do *ouvir* naquela situação. Vimos, ainda, que a professora toma o turno a partir da fala desse aluno, repetindo as suas palavras (MU 48). Ela, portanto, sustenta a fala do aluno e reforça a importância da escuta do outro no trabalho coletivo.

Outro aspecto importante a ser mencionado, e que, além de demonstrar a preocupação da professora em negociar e garantir a participação coletiva, revela também uma fala recorrente, encontra-se na MU 14. A fala “quem está me ouvindo”, remete-nos novamente à idéia de negociação do espaço de fala e de participação. O *ouvir* e o *escutar* estão presentes em quase todo o recorte e traduzem a mesma intenção observada na fala da professora nos dois primeiros dias de aula. Ao dizer “quem está me ouvindo?” busca chamar para si a atenção dos alunos e, conseqüentemente, convocá-los a participarem conjuntamente, como forma de garantir que ouçam o que se tem a falar, para depois se posicionarem e serem ouvidos também.

Identificamos também que, ao buscar promover a participação dos alunos e ao procurar fazer com que trabalhem em grupo, há uma repetição do *pensar* (MU 4 a 10,16 e 19). A professora traz em sua fala a conotação de que a fala e o trabalho em grupo devem ser qualificados pelo *pensar*. A participação não pode ser qualquer uma, e acontecer de qualquer maneira. Ela exige que os alunos pensem para se posicionarem, para conversar uns com os outros, para ouvir o colega. O *pensar* aparece aqui como um instrumento importante para a constituição de um coletivo capaz de construir propostas, de elaborar e de argumentar sobre elas.

A construção do projeto “Trato é trato”, conforme foi conduzido pela professora, demonstra sua vontade em fazer com que os alunos sejam sujeitos do processo. De acordo com Moita Lopes, 1998, numa visão do discurso como co-participação social, podemos dizer que a prática descrita acima nos revela a construção de significados

sociais e que, para isso, deve haver uma implicação ou um envolvimento de toda a turma.

Percebemos que a atividade desse dia sobre o projeto desenvolveu-se fundamentada nessa concepção de discurso. Os grupos iniciam seus trabalhos a partir de um comando escrito no quadro pela professora: “para discutir em grupo, ou seja, ouvir as idéias dos colegas e chegar a um acordo, depois registrá-las na folha, colocando o nome dos participantes do seu grupo de discussão.” Percebemos que a professora buscou tornar visível o que expôs oralmente. Dessa forma, foi possível identificar elementos da alfabetização e a preocupação com a aprendizagem dos alunos não somente em relação à participação como, também, no que se refere à escrita e à leitura. Vimos, assim, que o registro escrito tem uma função para aquele momento: não se trata apenas de uma ordem a ser cumprida, mas de uma sistematização escrita do que foi trabalhado oralmente. Nesse registro escrito, a professora repete o que havia conversado com os alunos sobre o trabalho em grupo e a importância de ouvir o colega. Os combinados passam, então, a ganhar consistência e tornam-se concretos ao serem, pensados, discutidos e registrados pelos alunos.

Outro momento da sala de aula que revela uma postura da professora em insistir na participação e no ouvir a fala do outro será analisada de acordo com o recorte abaixo.

Num.	Fala do aluno	Fala da professora	Comentários
55		P. vamos entender	
56		aqui agora	
57		então	
58		cada grupo agora	
59		vai discutir	
60		com o colega	
61		os combinados	
62		mas antes de discutir	
63		a gente	
64		tem que ouvir	
65		os colegas	
66		né?	
67		e chegar	
68		num acordo	
69		né?	
70		e o que vocês	Chama a atenção do aluno que se dispersa
71		vão ficar discutindo	
72		Cássio?	
73		combinados	
74		viu?	
75		sua participação	
76		é importante	
77		combinados	
78		do trabalho de grupo	
79		esse	

80
81
82
83

esse
esse trabalho
que a gente
faz todo dia

Esse recorte, assim como o anterior, demonstra, mais uma vez, a intenção da professora em promover a participação coletiva. Reforça, também, a recorrência da categoria *Negociando a fala a partir do ouvir*, discutida nos capítulos anteriores. Ressaltamos que essa fala da docente ocorre após a escrita no quadro apresentada anteriormente. Novamente, ela convoca os alunos para discutirem o assunto tratado (MU 55-57). Quando diz: “vamos entender aqui agora então”, demonstra sua intenção em fazer com que os alunos compreendam o que está acontecendo naquele espaço. É importante, como observamos em sua fala, que eles percebam o que estão fazendo. Para isso, ela repete, chama a atenção das crianças e busca conduzi-las ao que foi proposto.

A particularidade desse momento está nas MU 72 a 76. Ao chamar a atenção do aluno, a professora introduz a palavra *participação*. Em nossa análise, nos subeventos e recortes abordados, anteriormente, ela não havia aparecido explicitamente, como agora. Trabalhamos até então com o que esteve implícito na fala da professora e em suas ações. Nesse recorte, a palavra *participação* aparece quando a professora chama a atenção de um aluno. Ela se dirige a ele, que estava disperso no momento, chamando-o pelo nome e em seguida lhe fala da importância de sua participação. Observamos, nessa atitude, que a docente busca, de diversas maneiras, garantir uma implicação do aluno com o processo que se realiza em sala de aula. Percebemos que ela se mantém atenta às atitudes dos alunos e os convoca sempre que entende ser necessária essa convocação para a construção de um espaço coletivo e participativo.

Além disso, busca promover o debate sobre o projeto entre os alunos, organizando-os em grupos de discussão e acompanhando o desenvolvimento grupo a grupo. Nesse intuito, senta-se com cada grupo orientando os trabalhos. Solicita aos alunos que discutam o assunto e indica que, somente depois que tiverem chegado a uma proposta, é que deverão escrevê-la. O registro escrito, portanto, será a última etapa do processo nesse dia. Assim que essa etapa termina, a professora recolhe os registros para sistematização e introduz outra atividade.

Na aula seguinte, rememorando o que os alunos pensaram em casa e o que vinham discutindo no final do mês de maio e no início do mês de junho, a professora

inicia um processo de organização dos objetivos do projeto: como alcançá-los e em que tempo realizá-los. É o que veremos a seguir.

5.5. Quarta aula 09/06: definindo os objetivos

Nesta aula, a professora procura discutir com os alunos os objetivos a serem alcançados com o projeto e as ações que serão necessárias para atingi-los. Para isso, convida os alunos para participarem da discussão, buscando problematizar cada situação ao questionar os alunos sobre as possibilidades de cada uma delas.

Para realizar a atividade, traz de casa fichas contendo questões que possam suscitar a discussão do grupo. Opta por colá-las no quadro e assim que as crianças intervêm, a professora registra as propostas abaixo das fichas. As questões apresentadas por ela para a discussão são: 1) o que queremos alcançar; 2) o que precisamos fazer; 3) quem vai se responsabilizar pelas ações; 4) em que tempo as ações têm de ser realizadas; 5) que atitudes são necessárias para que o projeto dê certo. Tendo essas questões como referência, a professora busca levantar o que é necessário para a concretização de cada uma delas.

A estratégia utilizada pela professora não difere daquelas que vem utilizando até então. Ela introduz a questão em sala e, a partir dela, problematiza, buscando um posicionamento dos alunos, como exemplificado nos segmentos abaixo:

Num.	Fala do aluno	Fala da professora	Comentários
1		P. o que	
2		que nós queremos alcançar	
3		com o projeto	
4		Trato é Trato?	
5		o que	
6		que a gente	
7		quer alcançar Estela?	
8	Estela. combinados		
9		P. nós queremos alcançar	
10		combinados	
11		combinados	
12		mas	
13		combinados para quê	
14	Als. pra gente		
15	não fazer mais		
16	coisa errada		
17	pra não conversar		
18	em sala		
19	pra não ficar		
20	interrompendo a aula		A criança fala muito
21	Incompreensível		baixo mas fala sobre colaborar

22		P. a gente	Professora retoma
23		quer alcançar	o assunto pela fala
24		uma colaboração?	de um aluno
25		ahn?	
40		P. mas porque	
41		que nós queremos	
42		alcançar esses combinados?	
43	Als. pra gente		
44	não conversar mais		
45	em sala		
46	incompreensível		
47		P. tá	
48		mas olha	
49		a gente não conversar mais	
50		em sala	
51		ser amigo do colega	
52		respeitar (inaudível)	
53		que que isso	
54		vai acontecer	
55		com a gente na sala?	
56	Al. a gente		
57	vai ficar bonzinho		
58		P. será que a gente	
59		vai ficar bonzinho?	
60	Al. a sala		
61	vai ficar melhor		
62		P. a sala...	
63	Al. vai ficar melhor		
64		P. vai ficar melhor	
65		e a sala	
66		ficando melhor...	
67		a sala	
68		ficando melhor	
69		o que que vai acontecer	
70		com o nosso trabalho?	
71	Als. vai melhorar		Os alunos levantam
72	fica mais inteligente		a mão para falar
73	aprende (incompreensível)		
74		P. a gente	
75		pode ter a oportunidade	
76		de aprender mais coisas	
77		será...	
78		não é que a gente	
79		vai ficar inteligente não	
80		tá?	
81		a gente	
82		vai poder aprender	
83		mais coisas	
84		que mais, Cláudio?	
85	Cláudio. incompreensível		Fala baixo
86		P. que mais, Isabel?	
87	Isabel. incompreensível		Fala sobre o tempo
88		P. vai ter mais tempo	A professora retoma
89		para fazer	o assunto pela fala
90		outras coisas	da aluna
91		que não	
92		está dando tempo	
93		da gente fazer	

Ao introduzir as cinco questões, mencionadas acima, na sala de aula, para discussão com os alunos, imediatamente eles se posicionaram e opinaram sobre elas. O processo todo durou cerca de 35 minutos e nele as sugestões dos alunos foram diversas. A professora posicionou-se como orientadora da discussão e buscou sistematizar as falas para que não se tornassem prolixas, mostrando aos alunos a necessidade de se objetivar as falas para aquela situação.

Entendemos ser importante ressaltar que os dados analisados nos permitem compreender esse processo como um momento de elaboração e sistematização dos alunos. De acordo com Gumperz (1991), é preciso que os falantes e ouvintes se envolvam, reciprocamente, para que se estabeleçam pré-condições para a transferência de informações. Ao reuni-los, em grupo, com intuito de que construam um projeto, a professora busca fazer com que discutam, debatam e se interajam, a fim de que estabeleçam condições que os levem a atingir o objetivo desejado. A proposta da professora, de certa forma, oportuniza a construção de condições de envolvimento e de formação coletiva quando co-responsabiliza os alunos na produção das regras que deverão seguir.

Na busca da significação das ações a serem consolidadas para a realização do projeto, a professora utiliza a metáfora do jogo de dardo, perguntando aos alunos se conhecem este jogo e como se joga. Lembra, então, que o objetivo do jogo é acertar o seu centro e fazer mais pontos. Relaciona-o ao que estão fazendo e conclui que o projeto tem o objetivo de alcançar algo, assim como o jogo. Em seguida, inicia o processo de discussão perguntando aos alunos o que alcançar com o projeto. A cada fala dos alunos, a professora perguntava o significado do que diziam, o motivo de cada questão levantada, buscando produzir um sentido para as falas.

No quadro abaixo (Figura 9), buscamos registrar as elaborações resultantes das discussões do grupo.

Figura 9 – Ações a serem consolidadas

Questões apresentadas pela professora	Produto das discussões (sistematizado)
O que queremos alcançar?	<ul style="list-style-type: none">○ Combinados○ Colaboração○ Melhorar a sala○ Oportunidade de aprender mais coisas○ Mais tempo○ Mais organização
O que precisamos fazer?	<ul style="list-style-type: none">○ Cooperar/colaborar○ Ser amável com os colegas○ Ficar mais atento○ Cumprir os combinados○ Avaliar os combinados
Quem vai se responsabilizar pelas ações?	<ul style="list-style-type: none">○ A professora○ Os alunos
Em que tempo as ações têm de ser realizadas?	<ul style="list-style-type: none">○ No ano○ Em todas as aulas e dias
Que atitudes são necessárias para que o projeto dê certo?	<ul style="list-style-type: none">○ Pensar antes de fazer○ Amizade○ Responsabilidade○ Atenção○ Seriedade

Observamos que a maioria dos produtos das discussões (Figura 9) revela regras a serem cumpridas por todos. Por um lado, temos um processo participativo que gera essas regras. Por outro, podemos entender que essas regras podem, de certa forma, comprometer o processo participativo se forem tomadas com rigidez. O que percebemos é que a prática da professora nos tem indicado, justamente, o contrário dessa segunda hipótese. Vimos que a formulação de tais questões traduz muito mais a intenção de organizar o espaço da sala de aula para que seja produtivo e participativo, do que um espaço de regras rígidas e de participação restrita.

Os produtos da primeira questão (Figura 9) revelam que as respostas dos alunos sistematizadas pela professora demonstram que eles possuem uma compreensão do que está sendo solicitado. As respostas não revelam somente uma entrada dessas crianças no jogo discursivo escolar, mas também a compreensão do que é possível realizar no espaço escolar. A sala de aula, no caso, pede uma organização que permita o desenvolvimento de situações de ensino-aprendizagem. Ao responderem às questões

trazidas pela professora, os alunos revelam o que já construíram no decorrer de sua vida escolar, particularmente na série em que se encontram.

Outro aspecto que compreendemos importante encontra-se na segunda questão (Figura 9). Ao definirem o que é preciso fazer para garantir um espaço de participação, em que todos possam falar e ouvir, apontam para a avaliação do processo. Ao resolverem que têm de avaliar os combinados, novamente os alunos demonstram estar compreendendo o funcionamento do espaço em que se encontram e o que devem fazer para que ele de fato se concretize. Não basta, portanto, somente cumprir os combinados, é preciso discuti-los e avaliá-los ao longo do tempo em que estarão juntos naquele espaço.

A próxima aula apresentará novos produtos da interação e das discussões realizadas em sala de aula pelo grupo. Nesse dia, a professora, juntamente com os alunos, sistematiza as discussões e as produções escritas realizadas pelas crianças no dia 05 de junho.

5.6. Quinta aula 14/06: definindo as formas de participação

Anteriormente à realização da atividade de sistematização das propostas para o projeto, a professora reúne os alunos em roda para contar história e, em seguida, com os alunos ainda organizados dessa maneira, inicia a conversa sobre o projeto.

Relata que procurou ler todas as propostas, verificar o que havia de semelhante e agrupar. Diz a eles que havia muita coisa parecida e que eles haviam, também, escrito bastante, o que poderia significar uma dificuldade em cumprir o que estavam levantando. Aquele seria, então, o momento de definir o que fariam, o que seria permitido e como cada um contribuiria para o funcionamento da sala de aula. A seguir, apresentaremos um segmento de fala no qual a professora introduz o assunto em sala de aula:

Num.	Fala do aluno	Fala da professora	Comentários
1		P. agora	
2		quem está me ouvindo?	
3		quem está me ouvindo?	
4		olha	
5		eu levei para casa	
6		psiu	
7		eu levei para casa	
8		alguns levanta...	
9		alguns...	
10		aquele	
11		primeiro trabalho	
12		que vocês	
13		fizeram em grupo	
14		Rodrigo	
15		por favor!	
16		que vocês	
17		fizeram em grupo	
18		levantando né?	
19		aquilo do projeto	
20		Trato é trato	
21		então	
22		eu vou ler aqui	
23		algumas coisas	
24		que vocês	
25		já falaram	
26		algumas coisas	
27		que vocês	
28		já falaram	
29		psiu, psiu	
30	Al. o gente!		

Ao iniciar a discussão, identificamos nas MU 2 e 3 – “quem está me ouvindo” - a repetição de uma fala da professora que já nos é peculiar. Novamente ela utiliza a frase “quem está me ouvindo” para chamar a atenção dos alunos para a atividade que e garantir o espaço de fala.

Observamos ainda, nesse segmento, que há uma recorrência não somente de algumas categorias analisadas como *Negociando a fala a partir do ouvir*, como também do fazer pedagógico da professora. Esse fazer demonstra que ela vem buscando, ao longo do semestre, discutir com a turma sobre o que escreveram, o que falaram, o que pensaram, e o que ela também pensou, falou e organizou. Há uma preocupação em explicitar para os alunos toda a dinâmica que envolve o processo de ensino-aprendizagem e fazer com que participem desse processo ativamente. A professora modifica a organização espacial da sala de aula, troca crianças de lugar, enfim, busca formas alternativas para que possa envolvê-los nas diversas situações que emergem nesse contexto.

Ao dizer para os alunos “eu vou ler aqui algumas coisas que vocês já falaram” (MU 22-25), a professora demonstra que a construção do projeto de fato está se dando coletivamente. O que fará, nesse momento, é discutir com os alunos sobre o que produziram e refletir se as questões levantadas são mesmo pertinentes ao projeto. Ela poderia ter sistematizado, escolhido e aplicado o que mais a interessava. No entanto, ela sistematiza as produções e as devolve para turma, ecoando o que os alunos disseram para que possam refletir e validá-las.

Outro aspecto que ressaltamos aqui relaciona-se com a fala de um dos alunos “ô gente” (MU 30). Identificamos, nessa fala, uma internalização das regras de participação naquele contexto. Ao dizer “ô gente”, o aluno antecipa a fala da professora e solicita que a turma faça silêncio para que possam escutar o que ela tem a dizer. Nesse momento, ele busca garantir o espaço de fala da professora e a possibilidade de ouvir o que ela tem a dizer. Além disso, demonstra compreender o seu papel naquele contexto e como dele participar.

Observamos, ainda, que todos os momentos, reservado ao projeto neste dia foram realizados oralmente. A professora utilizou-se da escrita dos alunos e da sistematização que fez para discutir com eles. Porém, essa discussão se deu no campo da oralidade. Poderíamos pensar que em todas as salas de aula, onde ocorre a alfabetização, o processo é o mesmo, havendo muito mais uma utilização do oral do que da escrita. Acontece que não está em discussão aqui a quantidade em que a fala ou a escrita é utilizada nesse processo e, sim, que uso é feito de ambas, principalmente da fala. Identificamos nos estudos de Ferreira (1991) que esse uso da fala se refere ao processo de pergunta e resposta entre professora e alunos ou trata-se da aprendizagem de determinados conteúdos. Contrariamente aos resultados encontrados nas análises dos estudos realizados pela autora, vimos percebendo que em nossa análise, o espaço de diálogo tem levado à construção da participação dos alunos. O que pretendemos ressaltar é que há no uso da fala, particularmente nesta sala de aula, uma qualidade que a diferencia. O processo desenvolvido nessa turma tem buscado promover a construção, pelos alunos, de um conceito de participação que vá além da aprendizagem do código escrito, levando-os a se constituírem como sujeitos participativos.

A partir dessa aula, os alunos começam a definir melhor as diretrizes do projeto. Isso resulta na escrita de 6 frases em cartazes que são afixados na parede e orientarão as relações naquela sala de aula. São elas: “*pensar antes de falar*”; “*explicar suas razões*”; “*aguardar sua vez de falar*”; “*falar a partir da fala do outro*”; “*ouvir a fala*

do outro”; *“levantar a mão para falar”*. Todas as seis frases traduzem ações a serem tomadas pelos participantes durante o desenvolvimento das atividades. Fica definido que, para participar, os alunos e professora deverão seguir o que foi construído coletivamente. É preciso saber *quando, como, o que* falar. É preciso também respeitar a fala do outro. Ouvir essa fala para poder se posicionar. Observamos que a definição, ou melhor, a redefinição do espaço de fala e de participação, realizada através do projeto *“Trato é trato”*, retoma questões analisadas nos dois dias iniciais de aula. Se, naquele momento, havia uma definição implícita dessas regras, agora elas se fazem explícitas e construídas de forma coletiva. Podemos entender que os cartazes afixados na sala são parte do processo que vem sendo construído pela turma. Como uma das propostas se refere à reflexão sobre o andamento do projeto, os cartazes cumprem um papel de visualização desses combinados e, portanto, uma maneira de possibilitar a reflexão como forma de garantir a construção de um espaço de fala e de participação.

No decorrer dos meses de junho e julho, professora e alunos retomam a discussão sobre o projeto, que se encontra ainda em construção. Ele não foi discutido sistematicamente em todas as aulas. Estávamos em junho e, portanto, mês de festa junina. O tempo de aula teve de ser dividido entre as atividades planejadas e o momento festivo. As aulas do semestre se encerraram no dia 12-07-2000.

Sintetizando

As aulas aqui analisadas demonstram como a professora atua no sentido de buscar garantir que os alunos tornem-se co-responsáveis pela construção e manutenção do seu espaço de participação e de fala. A proposta de se pensar um projeto que objetivava melhorar as condições das relações e da participação nas atividades em sala de aula demonstra que as atitudes da professora nos dias iniciais de aula resultaram em uma renegociação da participação.

O espaço de fala e de participação foi mantido durante todo esse período e, para garantir a qualidade do trabalho pedagógico e a participação, foi preciso pensar uma forma de melhor qualificar essa participação. Mais uma vez, percebemos que as práticas discursivas estabelecidas nessa sala de aula privilegiam a construção de um espaço coletivo de trabalho. Os papéis são bem definidos e os sujeitos encontram espaço para se posicionarem.

Foi possível identificar, também, por meio dos recortes analisados, as três categorias que orientaram todo o percurso de análise da pesquisa.